

Aldeia indígena Akrãtikatêjê

Pará

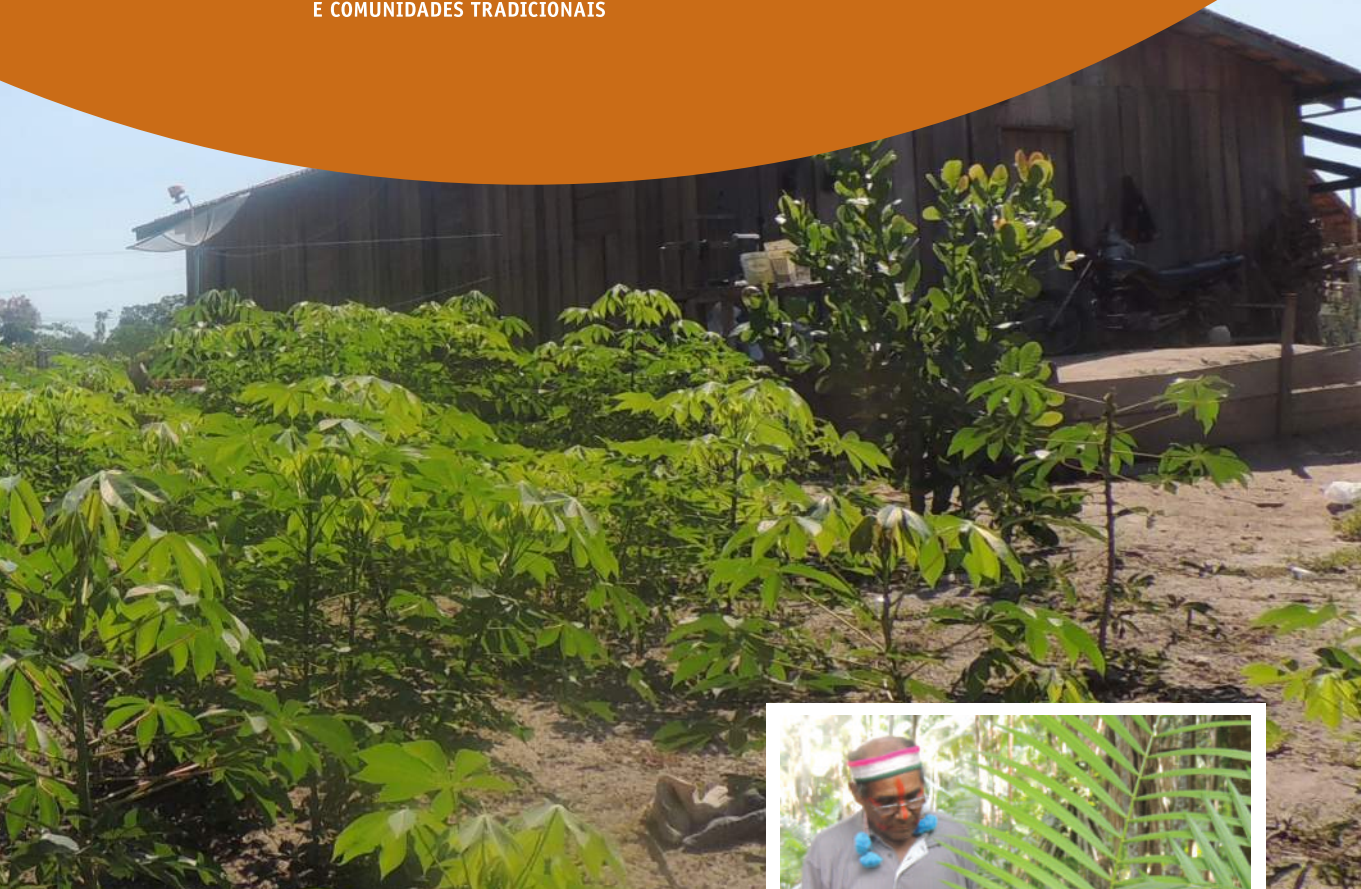
25

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

© UEA Edições – Manaus 2014

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Acevedo Elizabeth Marin

EQUIPE DE PESQUISA

Jurandir Santos de Novaes
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Rita de Cássia Pereira da Costa
Cristiano Bento da Silva
Thiago Alan Guedes Sabino

FOTOGRAFIA

Jurandir Santos de Novaes
Cristiano Bento da Silva
Rita de Cássia Pereira da Costa
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Thiago Alan Guedes Sabino
Kyara Tuxêre Simões

EDIÇÃO

Jurandir Santos de Novaes
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

GEORREFERENCIAMENTO

Rita de Cássia Pereira da Costa
Thiago Alan Guedes Sabino
Cristiano Bento da Silva
Jurandir Santos de Novaes

TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL AUDIOVISUAL

Thamirys di Paula Matos
Eliana Teles Rodrigues

CARTOGRAFIA

Thiago Alan Guedes Sabino

ELABORAÇÃO DOS CROQUIS

Indígenas Akrätikatêjê

APOIO NO TRABALHO DE CAMPO PARA MARCAÇÃO DOS PONTOS DE GPS

Penpkoty Hompryti Valdenilson
Francisco Sales Tembê

APOIO NO REGISTRO DOS PARTICIPANTES NAS OFICINAS

Amxyti Valdenilson Topramre
Janaina Jökrepoyre Lima Amjitypytyti
Penpkoty Hompryti Valdenilson

DESIGN E PROJETO GRÁFICO:

Casa 8 Projetos e Edições



PARTICIPANTES DE OFICINA DE MAPAS E REUNIÕES

Amxêre Valdenilson Topramre; Amxyti Valdenilson Topramre; Hôpryre Ronre Jopikti Payare; Hotairare Aprakwyiti Airokenti; Janaina Jökrepoyre Lima Amjitypytyti; Judite Lopes Guarani; Tônkyre Akrätikatêjê - Kátia Silene da Costa Valdenilson; Kuwêaroti Lopes Valdenilson; Kyara Tuxêre Simões Valdenilson; Penpkoti Hompryti Valdenilson; Rotokwyi Airokenti Valdenilson; Ruivaldo da Costa Valdenilson; Tatákti Airokenti Valdenilson; Tekpramre Topramre Valdenilson; Walquiria L. Simões Ramos; Claudivaldo da Costa Valdenilson; David Kakotyiré Valdenilson de Souza; Diane da Costa Pereira; Anderson Santana Valdenilson; Fabiana Pinto Xavier; Francisca Alves Araujo; Francisco Tembê; Gabriel Henrique Santos Silva; Hotairare Aprakwti Aiomkenti; Imprymonpiti Valdenilson Topramre; Jonprymanpeiti Valdenilson Topramré; Kaikerere Jonmara Topramré; Karôre Aiomkenti Valdenilson; Kyara Tuêre Simões Valdenilson; Mauro W. Karaja; Nildivaldo Kotêkohâroti da Costa Valdenilson; Phurerê Soares Ikrerete; Raimundo Tenório C. Valdenilson; Rônore Káprere Pahiti; Rotokwyi Aiomkenti Valdenilson; Tatamti Aiomkenti Valdenilson; Topramre Valdenilson Topramre.

INDÍGENAS KRYIKATÊJÊ DA ALDEIA AKRÄTIKAPRETI

Jôprâra, Aikrêkatakhti, Hômpryti e Jônâkrore – visitantes durante a oficina em agosto de 2014

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais : aldeia indígena Akrätikatêjê, Pará, 25 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin ; equipe de pesquisa, Jurandir Santos de Novaes... [et al.]. – Manaus : UEA, 2014.

16 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-311-4

1. Conflitos sociais. 2. Indígenas – Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Novaes, Jurandir Santos de.

CDU 528.9:316.48(811.5)

O povo indígena Akrätikatêjê desenvolve práticas de trabalho coletivo, como colheita de castanha, cultivo de roça, caça e pesca. Organizam-se na Associação Indígena Temanapapytarkatê Akrätikatêjê da Montanha. Entre os anos 2008-2009, sob a liderança do Cacique Payaré, Höpryre Ronre Jopikti Payaré – falecido em março de 2014 -formou-se a aldeia Akrätikatêjê na Terra Indígena Mãe Maria (TI Mãe Maria) no município Bom Jesus do Tocantins, sudeste do Estado do Pará. A TI Mãe Maria foi homologada em 1984, com área de 62.488 hectares. Os Akrätikatêjê moraram desde os anos 80 até 2009 com o povo Parkatejê e Kykatêjê, que o acolheu nessa TI, quando foram expulsos de suas terras em Tucuruí. A formação da Aldeia Akrätikatêjê dentro dessa TI é uma decisão de afirmação identitária e de fortalecimento da luta de mais de 30 anos pela reposição de suas terras expropriadas pela Eletronorte para implantação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

“Onde o sol nasce e a pessoa que quer viver, segue pra onde o sol está nascendo pra viver”.

“Aí eu lembro quando o meu pai caminhava, e ele pediu pra mim que não tava aguentando mais pra caminhar, porque, o pajé castigou nós, mas ele ensinou nós pra onde nós devia andar: ‘Aquele que não quiser mais viver onde o sol senta, pra seguir o sol. Onde o sol nasce e a pessoa que quer viver, segue pra onde o sol está nascendo pra viver’. Todo mundo endoidou, castigou muito a pessoa, matou demais gente, não tomava remédio não dava jeito, não sei, tipo um moinho de café, ele jogando na pessoa, onde não gosta da pessoa. Se você está bonzinho e ele jogou aqui, quando você desceu, você caiu já. Enche o nariz, garganta, não está podendo falar, canseira e morria. O rio grande que é Mojú secou tudo, secou-secou-secou, peixes morreram, peixe ficava um monte por cima do outro parece que tocaram fogo naquele mato. Secou tudo, queimou tudo na mata, aí veio ao redor de toda a aldeia, de noite todo mundo, o povo gemendo, eu ficava pensando como é que... Muito, a sorte é que eu não peguei esse mal né, outros irmãos todo pegaram, foram morrendo um por um. Então, eu nasci, mais ou menos, aqui no braço do rio Capim. De lá eu vim pra essa cidade, eu vim primeiro morar na aldeia bem ao lado da aldeia Jacundá, a aldeinha que eu comecei crescer, comecei a mamar, por aí, assim, mamava na mamãe, eu ainda não comia. Eu fiquei aqui, depois eu fui para aldeia de Parkatejê, aqui e a volta, andando pra cá, Marabá. Então, eu vim pra cá, passei de Jacundá. Aqui é Marabá, né? Daqui eu fiquei na aldeia do Capitão, que nós vimos. Eu morei um tempão lá com ele, era criança. A aldeia dele, bem próximo de Marabá, desse lado do rio Capim. A gente veio pra cá, então ele continua subindo pra cá. O capitão vive é muito! CACIQUE PAYARÉ, HÖPRYRE RONRE JOPIKTI PAYARÉ, JUNHO DE 2013

“A primeira aldeia era essa era essa daqui pra cá do Moju, abaixo do Moju. Braço do Moju era a aldeia do Capim - Aldeia Atykti; no braço do rio Moju a Aldeia era P’armrêxá, depois essa que era Tucuruí, que era Pärxokökâm, perto de um rio que parece que era o rio Mururé, perto do rio Jacundá, era a aldeia Krîjôrêre; a outra foi Ramreprô, no fundo do Moju, não, é braço! Aí rio capim, já descendo a cabeceria do Moju pra Goianésia estava essa aldeia Kaxätati. Hoje em dia aldeia dos Ananawé; até pra cá do rio era a mesma do Limoeira, a aldeia Muré. A outra aldeia era Kupêkate, a Rôrore e Krôhôko, tudo no Moju, próximo de Goianésia, no braço do rio Jacundá”. KÁTIA SILENE VALDENILSON, TÔNKYRE AKRÄTIKATÊJÊ, TRADUZ A FALA DE RÔNORE KÁPRERE PAHITI, MÃE GRANDE, AGOSTO DE 2014



“... porque tu tá vendo a minha luta com a Eletronorte”

“Não é que eu vim para cá por que quis, foi a Eletronorte que expulsou nós, disseram que se não desocupar, o trator mata vocês”. CACIQUE PAYARÉ, HÕPRYRE RONRE JOPIKTI PAYARE, JUNHO DE 2013



“E aí meu pai sempre me preparou, desde Tucuruí, meu pai dizia assim pra mim: ‘Olha, tu vai ter que aprender a atirar, aprender a jogar flecha porque se um dia Cupem me matar aqui, tu vai embora’. Aí me deu o numero do telefone. ‘Esse aqui é o número do Ferreira’. Nesse tempo era o Ferreira que era o administrador da FUNAI. Então, se o Cupem um dia me matar, tu vai embora, liga pro Roberto, avisa os teus tios e aí você vai embora, leva seus irmãos, leva tu mãe e vai embora porque o Cupem vai me matar a qualquer hora. Ele falava: ‘Porque tu tá vendo a minha luta com a Eletronorte!’. Ele falava: ‘Vocês estão vendo que a Eletronorte destruiu a nossa casa’. Já tinham destruído já. Que a Eletronorte ameaçava, se nós não saísse, onde era a torre, eles ameaçavam, diziam que iam jogar veneno na caixa d’água, que o trator ia passar e matar nós de noite e aquela coisa toda. E nós tinha medo. Minha avó ficou desesperada, aí meu pai foi, pegaram o caminhão e botaram o bagulho todo em cima: cachorro, panela, roupa e veio embora. Aí papai disse: ‘Não, você pode ir, eu vou ficar aqui, eu não vou desistir, eu vou ficar com minha família aqui (...)’. A Eletronorte ofereceu pro meu pai, naquele tempo, cinquenta milhões, cinco casas no Breu e duas aqui mobiliadas, dava pra ele um caminhão, uma caminhonete e mais cestas. O meu pai não aceitou porque ele pensou no povo: ‘Eu não quero pra mim, eu quero pra todo mundo’.



Rônore Káprere Pahiti, Mãe Grande, agosto de 2014; grupo que participou na oficina, em junho de 2013; Kátia Silene da Costa Valdenilson, Tônkyre Akrâtikatêjê, agosto de 2014

Esse era o meu pai”. KÁTIA DA COSTA VALDENILSON, TÔNKYRE AKRÂTIKATÊJÊ, JUNHO DE 2013

“Eu converso muito com papai sobre isso - Quem vai aparecer, quem vai ficar no seu lugar, quem vai aparecer? Que o jovem pensa que nós vamos ficar pra pedra. Eu falo pra eles: ‘Daqui um tempo meu pai não vai estar, meu irmão, nem eu não vamos estar. Eu digo: ‘Isso aqui nós construímos pra vocês’. Porque chega de sofrimento, né. Desde Tucuruí que nós vem sofrendo. Nós passamos aquela vida lá, que nós tinha fartura e depois acabou. Quando fizeram a barragem acabou peixe, acabou caça, acabou tudo. E nós vivia de caça e pesca. Nós vendia caça pra nós comprar açúcar, o nosso café, e que fizeram a barragem, acabou. Não tem mais caça, não teve peixe. Nós tivemos que aprender outra coisa. Eu aprendi a costurar, fiz curso de costureira, fiz curso de pintura. Então a vida me ensinou que eu precisava aprender mais coisas pra ajudar meu pai e minha mãe”. KÁTIA DA COSTA VALDENILSON, TÔNKYRE AKRÂTIKATÊJÊ, JUNHO DE 2013

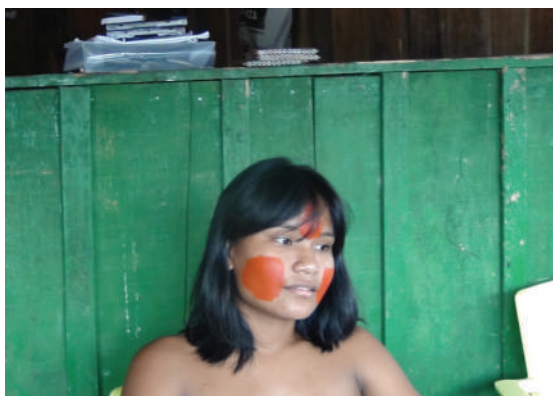
“De Nenzinho para seu amado pai, Payaré”

“Lutei pela terra que perdi, lutei contra os impactos que sofremos, lutei pelo bem estar do meu povo Akrãtikatêjê, lutei para protegê-los, lutei pelos nossos direitos. Lutei pela vida...

Aqui deixo meu legado e sonhos inacabados, deixo a semente plantada por minhas próprias mãos para que no futuro todos os ensinamentos deixados possam ser disseminados e usados como uma Herança do que fui como Cacique, como homem e como pai de família. Acredito plenamente que meu propósito aqui na terra foi alcançado, meus filhos continuaram construindo o que comecei, cada um deles sabe exatamente o que eu queria, e farão exatamente como eu os ensinei. Sejam Humildes, amem o próximo, cuide um dos outros, sejam amigos fortaleçam-se e estejam sempre com Deus. Pois eu já estou ao lado dele no paraíso”. De Nenzinho para seu amado pai, PAYARÉ”. RUIVALDO DA COSTA VALDENILSON (NENZINHO) - TEXTO ESCRITO PARA LEITURA DURANTE HOMENAGEM AO CACIQUE PAYARÉ, SEMINÁRIO REGIONAL DO PROJETO MAPEAMENTO SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO TERRITORIAL CONTRA O DESMATAMENTO E A DEVASTAÇÃO: PROCESSOS DE CAPACITAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, BELÉM ABRIL DE 2013

A nova aldeia une mais o povo Akrãtikatêjê

“Meu nome é Penpkoti, sou Akrãtikatêjê. Morava no Parkatejê quando meu avô teve a ideia, junto com minha mãe e o pessoal, de fazer a nova aldeia, de unir o povo Akrãtikatêjê. Então, fomos os primeiros a vir pra cá, estamos já há cinco anos aqui. Graças a Deus aprendi muita coisa que eu não sabia a respeito da minha própria raiz. Eu não dominava Parkatejê (...) e fui saber da história de como é realmente a história do nosso povo, de como a gente vivia. E hoje estou aqui com meu povo tentando resgatar a história, um pouco do que perdemos. Hoje eu faço adminis-



1. Rotokwyi Airomkenti Valdenilson; 2. Galinheiro e ao fundo, a roça de mandioca, junho de 2013; 3. O jogo de voleibol feminino, aos sábados; 4. Penpkoti Hompryti Valdenilson apresenta a casa das máquinas



Açaizal, castanheira e paiol de Castanha

tração, tento tanto na parte cultural quanto administrativa, ajudar na maneira que eu posso, a minha comunidade e junto com meu pessoal ser uma jovem liderança. Só tenho a agradecer ao meu avô que deixou uma história muito bonita pra gente”. PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON JULHO/AGOSTO DE 2013

“Meu nome é Rotokwyi, tenho 18 anos, sou neta do cacique Payaré, agora com a Kátia Silene, sou membro do povo Akrãtikatêjê, um povo muito sofrido. Hoje, eu reconheço, que antes eu não reconhecia, mas hoje eu vim, acompanhei meus pais que hoje moram aqui também. Hoje, eu digo que eu reconheço que esse aqui é o meu povo. Desde pequena, meu avô contava pra gente que foi praticamente um povo ameaçado e hoje a gente ganhou um espaço, mas esse espaço ainda não está conquistado. Meu avô batalhou muito e hoje eu estou aqui. Se Deus me der oportunidade eu quero conquistar algo, o objetivo de lutar e aprender mais. Sou estudante, estou cursando o terceiro ano.” ROTOKWYI AIROMKENTI VALDENILSON, JULHO/AGOSTO DE 2014

Aqui, a gente trabalha de forma igualitária, tipo assim, o que um tem o outro tem que ter a mesma coisa, nunca ninguém pode ter mais do que o outro pra não causar desavença. A gente já aprendeu com isso que, a desigualdade traz muita desavença pra um povo. A gente trabalha na parte da coleta tanto da castanha quanto do cupu, estamos iniciando ainda. O açaizal, a gente está com um projeto pra manusear ele, fazer a coleta da polpa, do extrativismo mesmo, voltado mais pro extrativismo. A gente coleta, resolve tudo o que vai fazer, no final da safra. Quando chega num preço bom, a gente vende, aí decide o que vai fazer com esse recurso, não fica só pra uma pessoa, fica voltado pra comunidade. No caso esse ano a gente resolveu fazer assistências nas luzes que estava tudo escuro, compramos um transformador que foi caro, uns sete mil e pouco. Este ano não deu muito não, esse ano a gente tá se preparando pra colher mais. No caso do cupu, a gente quer trabalhar com a polpa: cortar todinho e fazer uma casa específica pra armazenar ele, e futuramente transportar pra outros estados”. CLEIDIVALDO DA COSTA VALDENILSON, JULHO DE 2014

Agentes em conflito: ameaça permanente e devastação

“nós também somos os atingidos pela barragem, não só pela barragem agora, mas, pelos grandes empreendimentos”

“Eu queria pegar um pouco da fala da quebradeira de côco, e da dona Rosa aqui que falou. Falou e botou toda a verdade sobre os impactos, a devastação, porque nós também somos os atingidos pela barragem, não só pela barragem agora, mas, pelos grandes empreendimentos. Não só nós, mas como os ribeirinhos, quebradeiras de côco, os as-



Payaré acompanha o trabalho de cartografia dos seus filhos e netos

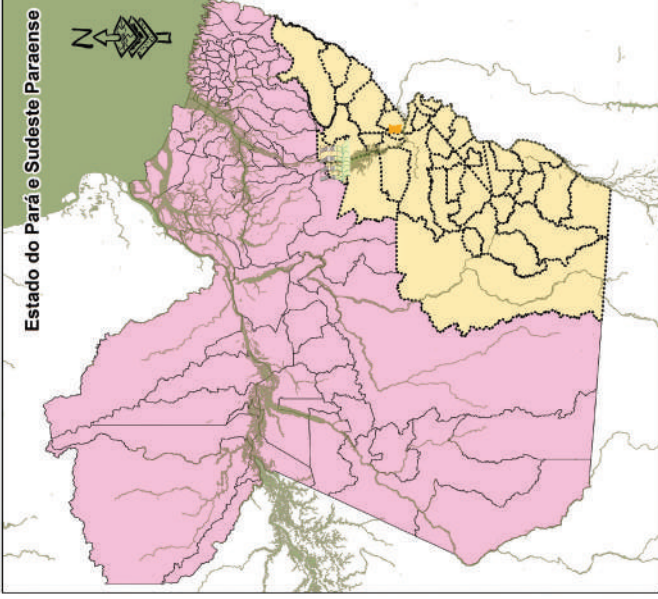
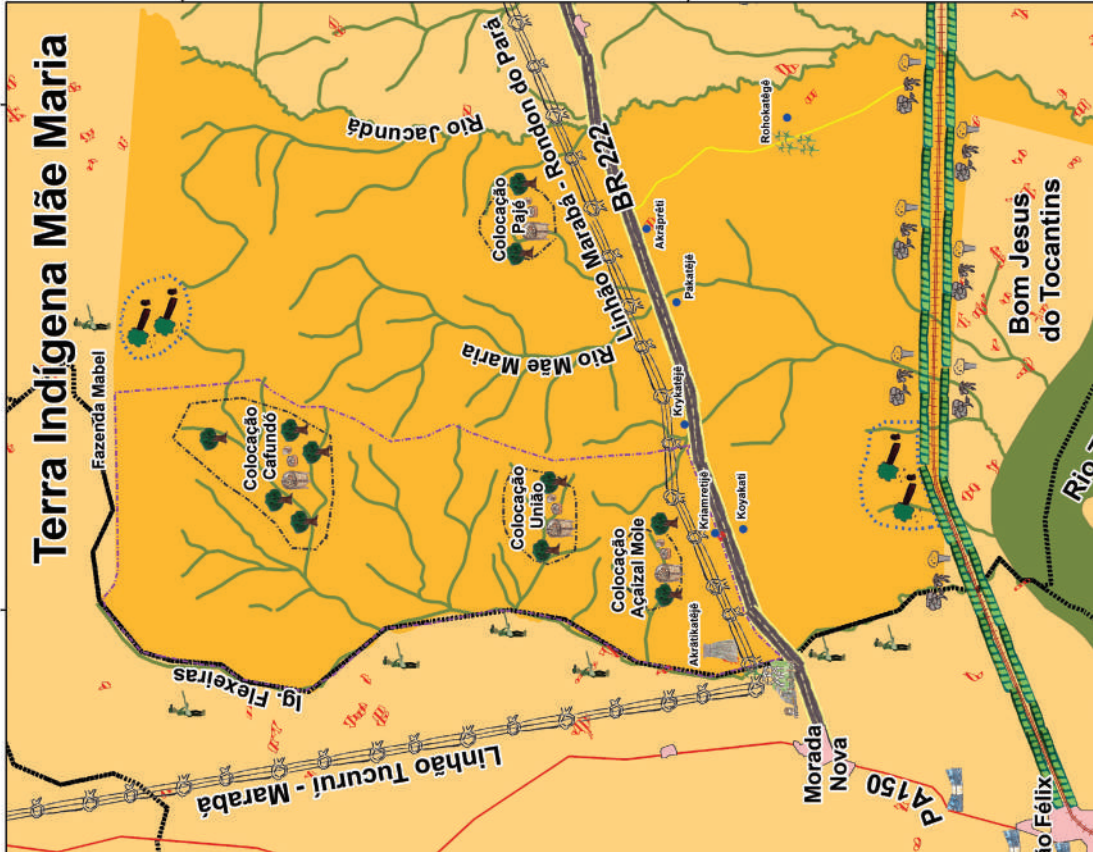


Diversos momentos na oficina de cartografia realizada em 2013

sentados. Todos nós passa pelo mesmo processo. Eu acredito que sim. Porque, assim como eles tão dizendo que tá acabando a mata, prá nós também tá ficando pequena. Nós estamos ficando ilhado, nós indígenas. A população crescendo, já é cinco aldeia já, e a reserva tá pequena. E cada vez mais nós estamos ficando ali imprensado. Nós fica pensado, daqui mais um tempo vamos ter que comprar fazenda pra fazer aldeia, pra fazer reflorestamento, pra nós criar nossos filhos. Se nós quiser manter nossa cultura, manter nossas tradições, nossas línguas, nossas raízes, porque... tá tudo espalhando, tá tudo acabado. Tá acabando tudo, destruindo, nós somos ameaçado, não só pelos grandes empreendimentos, mas também somos ameaçados, perdendo nossas cultura, porque nós tamos muito próximo da cidade. Hoje em dia a maioria dos jovens não quer mais falar a língua, não quer mais praticar a cultura, se envolvendo com coisa do branco, que tá muito próximo. Prá nós, essa cartografia vai fazer, é como refletir, nossa mente não só prá nós, mas também prá todo mundo. Eu digo assim que nós queremos é fortalecer a nossa cultura, a nossa tradição. Preservar nossa mata, fazemos roça, fazemos, mas nós antigamente, nós usava uma roça, 5, 6, 7, 8 vezes. Hoje em dia não, nosso solo tá fraco. Nós queremos saber porque nosso solo ficou fraco. Será que é por causa da queima, porque é que nossa mata dá pouca fruta? Não tá dando muito cupu, mais castanha, como nós vivia antigamente que nós não tinha dinheiro de Vale. Nós vivia de dinheiro de castanha, de cupu e, hoje em dia não, se nós não tivesse castanha nós tava que nem o outro povo, passando por dificuldade. Porque nossa mata tá ficando escassa. Nós não sabemos por quê. Nós estamos todos entrelaçados, nós ribeirinhos, quebradeiras de coco, nós tomamos todos unidos e queremos unir cada vez mais. Por causa desses empreendimentos. Porque chega empreendimentos na nossa cidade, ninguém procura, ninguém consulta, vai fazendo, vai chegando, vai tomando conta de tudo. Então, eu digo assim que nós estamos ameaçados. Já perdemos uma terra, hoje em dia tem aldeia embaixo da água. Agora estamos de novo ameaçados com barragem. Será que de novo nós vamos perder? Pra onde nós vamos? Nós se pergunta prá si próprio, será quem vai está do nosso lado? Sempre essa pergunta? Quem vai tá apoiando nós, ajudando? Por que nós muitas vezes não sabe onde procurar, onde bater. É por isso mesmo que nós estamos passando pros jovens estudar, se preparar para o futuro, se preparar prá um novo empreendimento que vem. Porque daqui mais um tempo vai ser briga de poder, de palavras, não vai ser mais de arco e flecha. Porque os índios estão se envolvendo, estudando prá isso, prá se proteger. É isso que nós queremos ensinar pros jovens, passando pros jovens.

Quando a gente conversa, sempre no meio de advogado, de procurador, parece que eles falam outro tipo de língua por que nós não sabemos! Então, nós temos que estudar pra aprender. Pra nós aprender e entender que tipo de língua é esse né? Talvez tão até xingando a gente, e a gente não sabe. Então, é bom nós saber um pouco de outra língua. Eu falo pros meus filhos. Hoje em dia eu dou aula né? Sou professora bilíngue da minha aldeia. Dou aula na minha língua, mas estou estudando aqui, não sei nem como é que vai ficar minha situação né? Se eu vou voltar ou não, estou aí no Colegiado esperando a decisão, mas a minha vontade é estudar, me formar e defender o meu povo do impacto social que é grande, a coisa que nós sofre é pelos impactos, impacto social, onde tem rede de Eletronorte, de Vale, passando tudo dentro da reserva. Cada uma vez que passa tira

Localizados pela Eletronorte para a construção da UHE



1:115.855



Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG
 Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS 2000

Fonte:
 IBGE, 2007/ IBAMA, 2008/ INCRA, 2009 / SEMA, 2010 /
 IDESP, 2012 / INPE, 2013
 Trabalho de Campo e Oficina de Cartografia Social em 2013 e
 Croquis Indígenas Akritkatêjê

Equipe de Pesquisa:

- Jurandir Santos de Novaes (PNCSA/UEMA)
- Rosa Elizabeth Acevedo Marín (PNCSA/UJFA)
- Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/UJFA)
- Rita de Cássia Pereira da Costa (PNCSA/ UNIFFESPA)
- Cristiano Bento da Silva (PNCSA/UNIFFESPA)

Pontos de GPS:

Jurandir Santos de Novaes

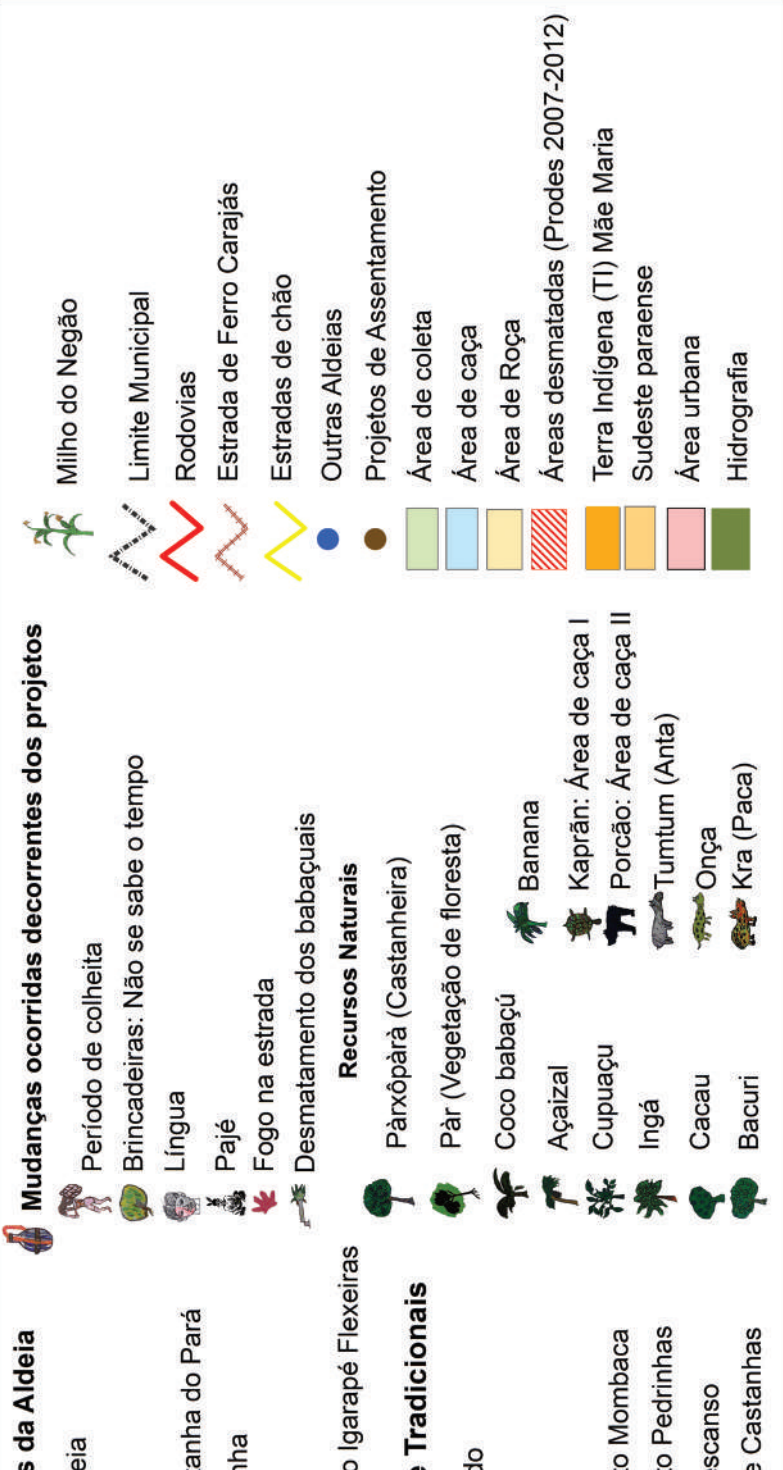


48°00'W

48°50'0\"/>

Paraná, Santos e Moraes e
 Rosa Elizabeth Acevedo Marin
 Cartografia e Edição Gráfica:
 Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/ NAEA-UJFPA)
 Arte-finalização de legendas:
 Thamiry Di Paula Cassino de Matos (PNCSA/UJFPA)

Realização:
 Associação Indígenas Akrátkatjêjê
 Belém, Novembro /2014



Amazônia

Restauração: processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais



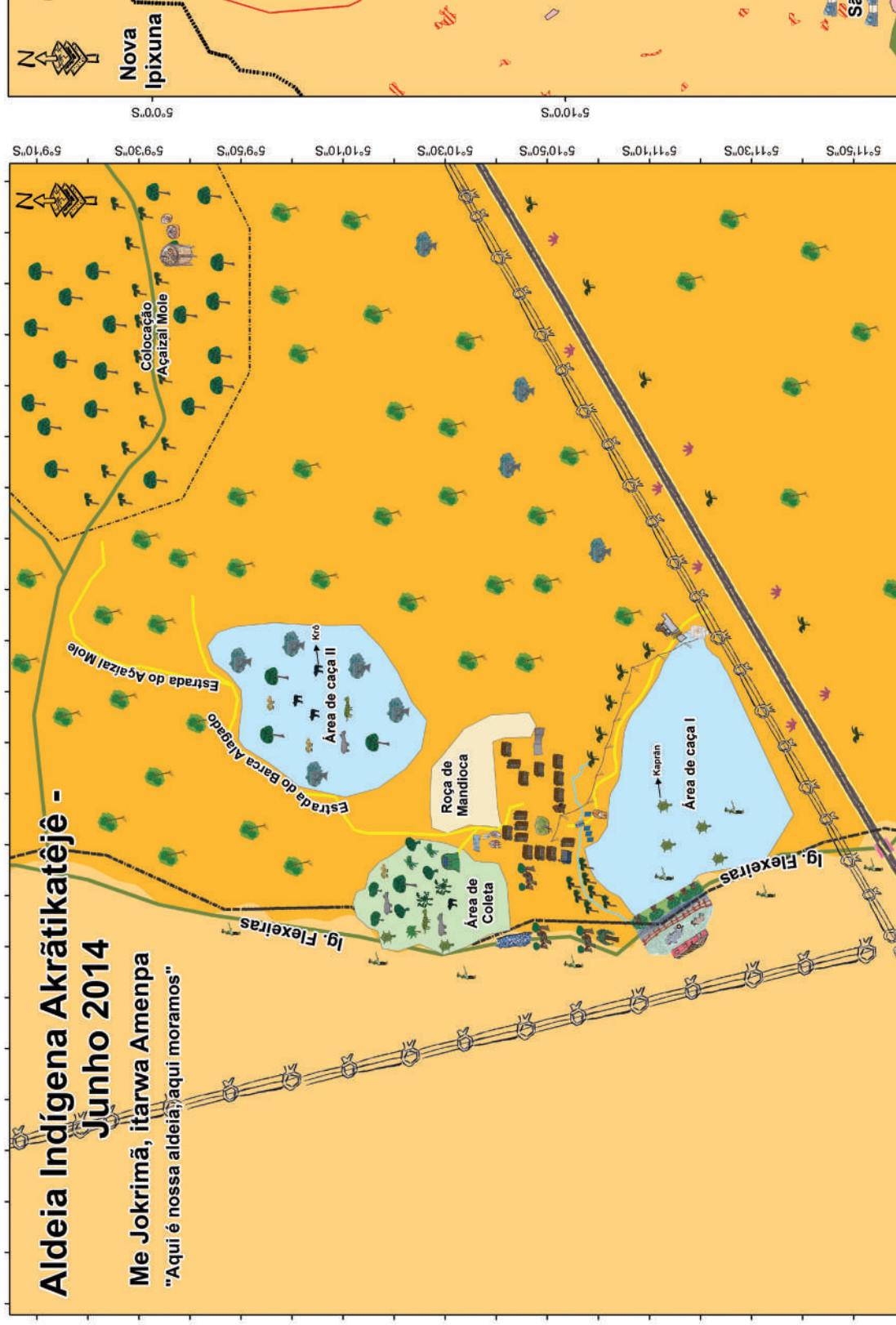
Indígenas Akrātikatêjê na TI Mãe Maria: expropriados e de

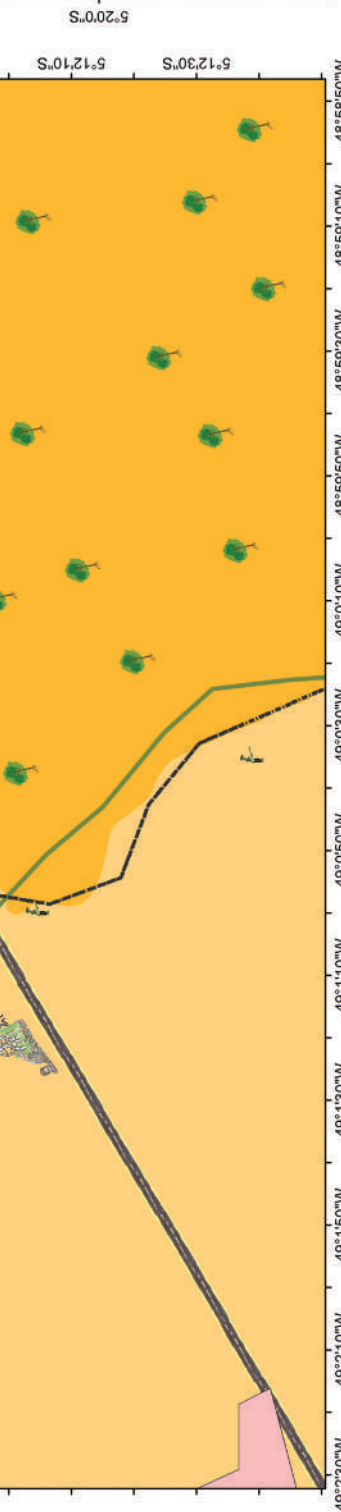
Aldeia Indígena Akrātikatêjê -

Junho 2014













Me Jokrimã, itarwa Amenpa

"Aqui é nossa aldeia, aqui moramos"















Legenda: Agentes sociais em situações de conflito com o povo Akrãtikatêjê na TI Mãe Maria

-  Fazendeiros: Desmatamento da mata ciliar
-  Eletronorte: UHE de Tucuruí- Destruição
-  Eletronorte: UHE de Marabá- Supressão territorial da TI Mãe Maria
-  Eletronorte/Vale: Linhão de Transmissão
-  Eletronorte/Vale: Sub-Estação de energia
-  Vale (Companhia Vale do Rio Doce) : Duplicação da Ferrovia - Faixa de domínio as margens da ferrovia na TI Mãe Maria
-  Vale (Companhia Vale do Rio Doce) : Pó de ferro nas plantações
-  DNIT : Rodovia BR-222 avança na TI Mãe Maria
-  CAIXA: Minha Casa, Minha Vida
-  Invasores: Área de coleta e caça
-  Fazenda Mabel
-  Invasores: Desmatamento de madeira de lei

Projetos sobre os quais não houve acordos para a instalação na TI Mãe Maria

-  Vale (Companhia Vale do Rio Doce) : Gasoduto
-  Vivo : Rede de Fibra ótica / internet
-  Celpa : Instalação da rede elétrica em 1987 não isentou a comunidade de pagamento de energia
-  Celpa: Postes de energia








Outros Elementos da Aldeia

-  Símbolo da Aldeia Akrãtikatêjê
-  Portão de entrada da aldeia
-  Açudes
-  Caixa d'água: Contaminação da água
-  Área de Lazer
-  Ponte sobre o igarapé da aldeia

Outros Elementos

-  Casas da Aldeia
-  Farmácia
-  Casa de Casamento
-  Casa de Farióis
-  Granja
-  Ponte sobre o igarapé

Lugares sagrados e

-  Monte sagrado
-  Cemitério
-  Igreja
-  Acampamento
-  Acampamento
-  Pontos de desmatamento
-  Colocação de pedras



Nova Cartografia Social da

Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Defesa



Jovens elaboram e apresentam croqui na casa do Cacique Payaré, em oficina realizada em junho de 2013

um pedacinho, um pedacinho, e esse pedacinho vai indo. Então, nós queremos aprender pra nós defender esse pedacinho que nos resta porque esse é muito importante, é a nossa segurança, é o que nos alimenta, é o que criou nós, é que criou nossos filhos e nossos pais". KÁTIA SILENE VALDENILSON, TÔNKYRE AKRĀTIKATĒJĒ, SETEMBRO DE 2012

"Era nós no lugar dele, do meu pai, era isso que ele queria né. Ele dizia, 'quando vocês não quiser mais dar conta, passa pra outro, vai envolvendo o jovem pra essa briga não acabar'. Um dia nós consegue, é essa nossa esperança de conseguir. Eu pedi mais o Nezinho, de fazer um seminário indígena aqui em Marabá. Falamos com o Ministério Público, falamos agora com a FUNAI, CIMI, o Felício Pontes, Procurador de Belém, disse que ia está com nós ajudando. Disse pra se manifestar por causa desse seminário, pra está passando pro povo o que é barragem, que esse povo aqui, quer dinheiro, não quer barragem. Querem barragem porque eles querem dinheiro. Nós, não, nós fala que não adianta nós se vender por besteira. Não faz não, está aí minha avó!" KÁTIA SILENE VALDENILSON, TÔNKYRE AKRĀTIKATĒJĒ, JULHO DE 2014

"Eles querem fazer manejo, mas não, a gente não concorda. Vamos dizer é só um quadro que você vai alugar e ficar dois, três, quatro anos, aí você muda, aí nesse quadro você muda, aí você vai passar prá outros quadro, mais quatro anos, aí quando completar mais quatro anos você volta, tá beleza, assim que eles querem trabalhar com nós, mas nós não concorda, os outros estão entrando, aí eles querem a capoeira prá gente ceder para eles negociarem o projeto, prá plantar 20 milhões de eucalipto". CACIQUE PAYARÉ, HÕPRYRE RONRE JOPIKTI PAYARÉ, JUNHO DE 2013

"O que o teu filho vai comer? O que o teu filho vai pescar? Teu filho vai viver de que? Se a coisa mais importante, hoje, é a natureza, prá nós indígena! Que nós tem nossa cultura, nossas tradições". PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, SETEMBRO DE 2012

"Já plantei um bocado de mogno, um sonho meu o mogno, um que a gente ache na mata, que precisa brotar, porque é muito bonito o mogno, é caro demais, meu sonho era encontrar uma natureza onde está ecológico pra mim defender ela". CACIQUE PAYARÉ, HÕPRYRE RONRE JOPIKTI PAYARÉ, JUNHO DE 2013

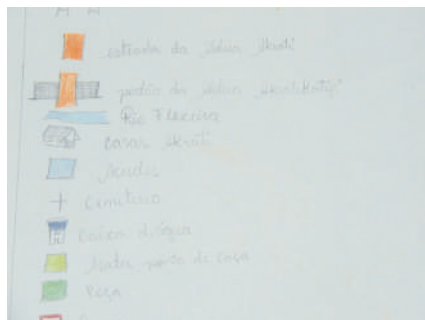
“A gente sugeria para o DNIT (Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes) que nós temos é muito impacto, por onde a gente passa. Pra estudo de duplicação da PA-150, pra que eles pensassem no jeito de amenizar as mortes que acontece por atropelamento vários bichos todo tipo de bicho que pensar até anta, que aconteceu na 25, bateram uma anta. No caso do macaco, como os macacos iam saber que a aquela rede era pra passar por cima no caso do tatu e pra paca eles iam fazer um túnel, mas no casos teriam que ser vários túnel porque a reserva é muito extensa e passa muito carro aqui. Aí ficou só na conversa, nesse projeto e nenhuma solução, os anos já se foram e até agora nada, ficou só nesse projeto, disse eles que ia levar e trazer uma resposta e até hoje”. CLEIDIVALDO DA COSTA VALDENILSON, JULHO DE 2014

“Aqui é uma perseguição muito e a pessoa não respeita aqui a sociedade, lá onde eu morei não tinha isso, não tinha tanta penetração, não tinha tanta invasão, o povo respeitava, não entrava assim, aqui não, é muito porque de noite você escuta tiro pra qualquer lado, a pessoa não ta mais respeitando, pelo contrário, é muito perigoso também pra nós. Até eu já fiz ofício para o IBAMA, eles dizem que vêm acampar aqui pra pegar esse pessoal pra prender. Já prenderam tantas pessoas, mas é teimoso o povo, né. Então, eu percebe assim, roubam muita coisa, quando atira, a gente vai lá e levam castanha, cupu, cipó, isso que é ruim. Pessoa sabe que é proibido, mas pessoa faz, arrisca a vida também. Às vezes a gente pega, reclama, não tem conhecimento, não sabe de nada, sabe sim. Porque nós morava 13 km, lá era tranquilo, não tinha nada preocupação como acontece”. CACIQUE PAYARÉ, HÕPRYRE RONRE JOPIKTI PAYARÉ, JUNHO DE 2013

“Tem tanta fazenda tóxica que vem e de repente morre, morre muita planta, peixe, é perigoso demais. Dá, peixe, tem muito peixe aqui, mas também está em falta muito, encontra com matador de noite, a gente não acha, acham e pegam muito, é muita gente por aí, então é muito peixe aí, tudo tem, é jabuti, tatu, anta, porco, tudo tem, tem muito”. CACIQUE PAYARÉ, HÕPRYRE RONRE JOPIKTI PAYARÉ, JUNHO DE 2013

“A nossa divisão das colocações começa com o Açaizal Mole. Tem o Açaizal Mole, o União e também o Cafundó que ficou pra nós”. NILDIVALDO KOTÊKOHÁROTI DA COSTA VALDENILSON, JULHO DE 2014

“Boa tarde a todos, me chamo Tiuti. Sou filho da Kátia, da Aldeia Akrâtikatêjê. Esse aqui é o croqui que a gente fez, o novo, da aldeia Akrâtikatêjê, foi terminado dia dois do oito de 2014. A gente botou alguns pontos interessantes no mapa, como a estrada de chão que liga os castanhais, ponto de colheita da castanha na época de janeiro, fevereiro a abril. Aqui também tem o monte sagrado, a roça, a área de lazer, o plantio de banana, de cacau, alguns pontos de caça também, como aqui tem o jabuti, o Kapran, também indígena, colocou o ponto de invasão: o caçador invasor, o açaizal mole, a paca que é Kra. Aqui tem a BR 222, a Rede Celpa e o Linhão de transmissão da Eletronorte, a aldeia e as casas de cada morador que mora na aldeia. Aqui tem o galpão da castanha, a caixa d’água de abastecimento da aldeia, a casa da farinha, a cruzinha que é o refeitório, os tanques-açudes, o cemitério e o rio Flecheira que corta a divisa da reserva, a guarita e acho que é só. Aqui também um ponto de referencia que é o acampamento, ponto de descanso e colocou o Pedrinha, igarapé. As caças que a gente colocou aqui, parece que agora, esse mês de julho, vai passando do açaizal, o tempo da seca do verão que quando seca o açaizal, os bichos vem mais próximos aos açaizais e fica mais fácil pra gente caçar e matar e a gente se alimentar. A vigilância, agora tá funcionando, a guarita que serve pra isso, pra evitar ao máximo dos invasores da reserva. A gente tem mais a queimada no verão, do linhão de transmissão da Eletronorte, a BR 222 com a poluição do gás carbônico do carro e os animais. Muitos atropelam os animais também, os caminhoneiros, muitos não respeitam o limite, tanto faz na BR quanto na Ferrovia também. Muitos animais mortos. O DNIT coloca as placas dentro da reserva, mas muitos não respeitam os limites”. AMXYTI VALDENILSON TOPRAMRE, JULHO DE 2014



1. Legendas de cartografia social elaboradas pelos indígenas junho de 2013
2. Linhão da Eletronorte na TI Mãe Maria junho de 2013
3. Devastação em razão das queimadas frequentes na faixa de domínio do linhão na BR-222, que corta a TI Mãe Maria junho de 2013
4. Rio Frecheira, com suas margens assoreadas pelo desmatamento e criação de gado por fazendeiro, e faz limite da aldeia com fazenda, e é acesso de "invasores", como caçadores e pescadores, julho de 2014
- 5 e 6 Jovens analisam o croqui de 2013 e desenham o novo croqui. 7. Participantes da oficina assistem a exposição dos croquis
7. "Colocação Açaizal Mole" na Aldeia Akrätikatêgê, agosto de 2014
8. Crianças brincam no acampamento idealizado pelo Cacique Payaré
9. "Colocação de castanha no Açaizal Mole" na Aldeia Akrätikatêjê, agosto de 2014

"A gente fez o mapa, a base. Fez a casa do meu avô, fez a aldeia com as casas que ainda estão surgido. Aqui a gente fez alguns pontos que usava para caça, coleta. Aqui é o ponto de invasão, aqui é o pedaço da Bolinha que o pessoal fala, o açaizal, e esse ponto aqui que, na época a gente usava pra cá de onde morava o Beto. E agora, com a estrada que fizeram na nova aldeia, e quando houve modificação dentro da nossa aldeia. Fizemos novo croqui pra especificar melhor e botar um novo mapa e atualizar. Esse aqui é o mapa que a gente fez hoje, não concluiu tudo. A gente colocou todas as casas, fez o rio, as invasões pelos brancos, botou também o caminho que vai pros castanhais. Colocou também o novo acampamento.

A gente fez isso, marcou alguns pontos aqui que a gente achou que estava faltando com base no mapa que a gente fez anterior. Aqui a gente tem uma modificação na questão da nova casa que fizeram aqui atrás. A casa da minha mãe, meus irmãos, enfim, a



Casa do Cacique Payaré, antigas e novas casas da aldeia e fronteira entre a Aldeia Akrätikatêje e a fazenda, onde observa-se o desmatamento pelo fazendeiro

casa da tia Deca, o acampamento e a nova vila que surgiu. E esse outro aqui, a gente já fez a colocação que a gente acha que é nosso, esse pedaço aqui. A gente gostaria de colocar o nosso castanhal no mapa porque tem gente que não conhece nossa colocação. Esses dois pontos aqui são onde o pessoal desmataram: aqui embaixo, são pontos que invadiram pra tirar madeira. Esse linhão, ele passa aqui do nosso lado. Também essa parte aqui do conflito, algumas partes são maiores do que dito no mapa. A gente colocou também as aldeias, a Pakartejê, a Akräkateki, a Akrikatejê, e os rios, o Flecheiro, e o Jacundá. De fato, nós falamos que temos só esses pontos aqui que foram desmatados, porque, como ele falou, o uso da floresta é o uso de todos". AMXYTI VALDENILSON TOPRAMRE, AGOSTO DE 2014

"A pesca, diariamente a gente lida com competição com os brancos que invadem muito pra pescar a pesca de visor e a gente vive em constante guerra, conflito, de disputa pelo território. O rio, ele faz a divisa da reserva, então ela não tem dono específico do rio, é de todo mundo. Utilizam muito a pesca de visor, em abundância. A gente não, a gente tira o necessário, eles tiram pra venda, pra tudo mais". PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JULHO DE 2014

"Eu me chamo Rotokwyi e aqui como já falaram, esses locais aqui, aonde fica o que a gente chama de Pedrinhas, eles esqueceram de relatar que ao lado dessas pedrinhas que a gente fica quando vai tomar banho, existe fazenda. E quando a gente vai, aquela água que era tão limpinha e pesca e tira o necessário, só que os brancos vão lá e tiram mais que o necessário, mais do que eles mesmos podem consumir, e a gente banhando, olha pro lado, os bois, as vacas, bosta na água, a água suja. E quando enche lá, a gente vai tomar banho e é sujo por causa que vem da fazenda. Então, a gente está assim, a nossa área; a única coisa que divide mesmo a gente deles é esse rio, mas se vacilar, os bois atravessam que seca a água e não vai impedir aquele tantos de bois. A água está suja, e além da gente sofrer com esses invasores que vem de lá, ainda tem esse, água suja, e mais e mais está crescendo fazendas, e quando a gente percebe já aconteceu até demais. Era isso que eu queria dizer. Foram modificações que fizemos, a gente incluiu acampamento, arrastão, que não tinha, o portão, a plantação de cacau e banana com mais de 110 pés de bananas plantadas, e 108 pés de cacau, isso aqui também é açcaizal". JULHO/AGOSTO DE 2014

"O Mombaca e o Pedrinhas, é tradição nossa, são dois lugares que a gente usa pra banhar. É um ponto fundamental pra cultura nossa, que as crianças tem que viver com o rio, banhando, pra crescer. Nesse aspecto, a gente fica meio receado de levar as crianças, fica meio até com medo das crianças irem lá tomar banho com as caçambas, pescando. Por isso a importancia da guarita nossa, da vigilância fazer a ronda via fluvial e terrestre pra inibir, pra intimidar mesmo, pra que a gente viva mais tranquilo. Assim que a gente mudou aqui, a gente, de noite, escutava tiro pra tudo quanto é lado nesse ponto aqui, caçavam a noite toda atirando. Depois que a gente mudou e o pessoal começou a conhecer a aldeia nossa, inibiu mais. E agora é mais nesse ponto aqui, esse já diminuiu bastante". PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JULHO DE 2014



Kupepramre Valdenilson Topramre, agosto de 2014



Croquis da aldeia elaborados em 2013 e 2014

fazer projeto, plantação, reflorestamento. Isso no passado aqui tudo foi fazenda na verdade. A gente deu início de mogno, pegava o mogno e fazia a muda. Teve gente que queria comprar, mas a gente vai entrando na mata e vai plantando na mata mesmo. Inclusive aqui no nosso acampamento a gente vai plantar cupuaçu pra ir recuperando. As árvores que tinha no passado, hoje não tem. O fazendeiro que morava antes aqui, acabou com tudo. Então acho que a preocupação maior é com essas árvores frutíferas”. KUPEPRAMRE VALDENILSON TOPRAMRE, AGOSTO DE 2014

“E tem pontos de pesca. A aldeia foi colocada num ponto estratégico com a intenção de já preservar essa parte que era bastante invadida. Agora ficou mais perto da estrada por causa do fogo. Todo verão tem queimada, não vai demorar muito vai ser a nossa área também. A gente sempre tenta ver quem provoca a queimada, todo ano tem. A nossa aldeia foi colocada aqui pra inibir a queimada e assalto, que tinha muito assalto nessa área aqui, parou mais também; os caçadores também acalmaram. Aqui nessa área que está marcado um ponto importante é que tem muita caça e frutos aqui pra nós. E nós estamos competindo com o branco, com os animais e tem que tirar pra nós também, pro nosso sustento. Então, a gente foi abrindo o ramal com essa intenção de inibir, porque acalmou aqui, mas eles vão por cima. Aí, os caçadores, já teve caso deles pegarem um dos nossos membros e humilhar ele, tomar a caça e levar, acho que até o cachorro levaram também. A aldeia foi essa parte. E agora deu pra evitar que estranhos entrem, muita gente que a gente não sabe quem é. Como a gente está próximo da cidade, o impacto está vindo de todos os lados. Não só da queimada, mas o contato também, a fazenda é perto, a gente escuta eles falando, gritando, tendo festa, som alto, que a gente escuta da aldeia também. Então, tudo isso agrega no impacto também: tem o social, cultural também, estamos tentando também trazer o colégio pra dentro pra evitar. A área de colheita é longe e tanto que a gente proibiu, de perto, quando tiver alguma caça, ninguém mata, mais pra longe, onde estão concentrado a caça, açai e castanhal abundante em fruto, pra ter o que eles comer. E a gente tenta inibir o máximo possível pra que isso não venha acabar e estamos procurando um meio de

“A gente tem um projeto pra recuperar a plantação de bacuri. Acho que os dois pés daqui a cinco, três anos, acho que não dá mais. Acho que tem projeto pra recuperar bacuri, cupuaçu, castanha, açaí, bacaba, as coisas que tradicionalmente a comunidade usa”. PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JUNHO DE 2014

“Pra nós o impacto da hidrelétrica de Marabá vai ser grande”

“Pra nós o impacto da hidrelétrica de Marabá vai ser grande, tanto o fluxo de pessoas que irão vir pra perto da nossa reserva, o fluxo de carro que vai ser maior, em dobro. E doenças: malária, a gente não sabe o que mais vai trazer essa barragem”. PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JUNHO/2014

“A preocupação nossa, que cada dia a gente vai lidar com essas preocupações e vai esquecendo a cultura nossa, vai lidando mais com esses problemas diários e deixando de lado a cultura. A gente sempre pensa em buscar melhorar a comunidade, mas ao mesmo tempo vai esquecendo o lado cultural nosso em prol desses acontecimentos que estão vindo e os que virão ainda pela frente, como a barragem, a duplicação da estrada de ferro, são fatores que nos preocupa; pois como vai ser a nossa vida daqui em diante com esses empreendimentos implantados aqui perto de nossa reserva? como vai ser o convívio com o aumento de pessoas ao redor da reserva? será que são pessoas de confiança, que não tem segundas intenções de acabar com a reserva, de iludir o índio pra perder sua cultura cada vez mais, levar pra cidade? Como vai ser o pensamento do índio com isso, vão querer mais a sua cultura ou a do branco, essa nova geração que está vindo? Eu, pelo menos, sei o que quero, mas e essa nova geração, o que eles vão querer da vida? De mim, eu quero que meus colegas sigam a minha tradição, busquem a história, viver a nossa cultura e fortalecer o que meu avô e outras gerações queriam que fossem: a tradição indígena, a pintura, a corrida de tora, o respeito de um pelo outro que é fundamental numa comunidade indígena, todo mundo se respeitar, respeitar e compartilhar. Tudo na comunidade é compartilhado, acho que isso é o de mais importante, a união do povo pra que siga forte e nunca acabe a tradição nossa e o respeito”. PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JULHO/AGOSTO DE 2014

“O pessoal da Eletronorte teve uma palestra aqui sobre a carta da Eletronorte, aí entregaram esse mapa dizendo o limite de onde é barragem, a água inteligente ela vai dizer onde ela vai parar, a água inteligente. Vão criar uma barreira para a água não passar, mas o que impede uma água de passar? Eles falam que a água deles tem um limite certo, que quando chegar no limite eles vão falar: ‘Olha daqui tu não pode passar mais não’. Aí ela vai parar de descer, não tem freio na água não, aí nós falamos para ele nós não acreditamos nisso porque já somos impactados pela barragem de Tucuruí. A questão desse mapa que deram foi chamar todas as aldeias para entregar uma carta à Eletronorte pedindo um pré-estudo da barragem. A barragem só não foi construída ainda porque nós estamos impedindo, porque também ela nunca pagou o que nos deve e já quer fazer a outra de novo, saiu lá de Tucuruí. E essa carta tá na mão do pessoal, de vez em quando vira e mexe eles estão pressionando todas as aldeias como nós aqui, pedindo para liberar para estudo pra ver primeiro como vai ser atingindo, como vai ser os impactos gerados. Nós acha que não vai ser um pré-estudo, vai ser só um início pra começar o estudo mesmo, porque assim, o pré-estudo já seria uma liberação pra eles fazer todo o estudo deles e já liberar eles entendeu? A gente já barrou esse pré-estudo. As comunidades se preocuparam em fazer um estudo voltado a interesse da comunidade, onde? O que seria atingido? E qual o impacto causado? Nesse, estudo sem a Eletronorte, sem interesse dela, porque ela fazendo um pré-estudo ela vai ter conhecimento do que vai acontecer, e provavelmente ela poderia ingressar em outra no IBAMA e pedir mais autorização e seguir os estudos feitos e iam dar início nas obras, aí o que aconteceu né cara? Ninguém concordou, ninguém concordou por causa desse medo desse pré-estudo que ninguém sabe até aonde vai esse pré-estudo, o que a liberação poderia causar. Nós fomos contra, a Parkatejê já foi a favor, outros já foram a favor outros contra, aí se aquietou de novo. A questão de quem

ia bancar o estudo seria a própria Eletronorte, um pré-estudo, outros já foram contra nós principalmente, e outras aldeias que estão com pé atrás porque nós mesmos procura fazer parceria com a UFPA; buscar parceria pra ver realmente o que vai ser impactado, o que vai acontecer realmente por causa desta barragem, e o dinheiro da empresa que quer fazer, e antropólogo eles que ia indicar. A própria empresa que ia fazer o pré-estudo ai ninguém aceitou não, ficou parado no impasse que até hoje não se resolveu. Nós queremos gente de confiança nossa, técnico que tem conhecimento, antropólogo, mas a empresa não aceita, quer colocar pessoa deles capacitado deles que eles conhecem mas eles bancando. Aí, como a gente vai confiar?”
PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JULHO DE 2014

“a gente não pode fugir disso também, tem que ter esse contato (...) a gente já está dizendo que é um povo diferente”

“Com relação à cultura, a gente está meio que quebrando a cabeça ainda pra tentar resgatar. Tá difícil, é complicado porque como vocês veem, a gente não tem quase idosos que falam a língua e incentive mais porque os jovens hoje em dia, só quer saber de esporte, de lazer mesmo, mas a gente se preocupa. O sonho do meu pai era resgatar, pelo menos fazer com que as pessoas compreendessem, que pelo fato da gente ser índio, a gente já está dizendo que é um povo diferente, tem que ter um diferenciado do outro, mas assim, com o contato do branco, porque a gente não pode fugir disso também, tem que ter esse contato. Se a gente se esconder e só ficar querendo ser índio e não se atualizar com os de fora, a gente perde muito, a gente é muito enganado, aí a gente tem que aprender a conviver, tanto na maneira de ser índio, tanto com as culturas de fora, do branco, que ele traz. Se a gente não se atualizar, buscar o nosso conhecimento pra ver o que é de direito nosso, os brancos vão sempre enrolar a gente e passar as pernas, como eles trazem essas grandes empresas, tipo a Vale, a própria Eletronorte, que está trazendo esse impacto grande que está sendo um outro impacto. Então, desde quando eu era mais nova, eu pensava assim que, o principal causador de hoje, de a gente está assim meio desaculturado, é as empresas grandes que trouxeram os impactos. Assim a gente não soube se adaptar de cara logo com eles, a gente praticamente passou por etapas, entendeu? Saltou muito etapas, e eu acho que a gente pecou, mas as empresas grandes foram os causadores maiores de tudo isso”. KÁTIA SILENE DA COSTA VALDENILSON, JULHO/AGOSTO DE 2014

“Sobre a cultura, o povo gosta mais no final de semana, é da pesca, hoje em dia também o povo está tentando resgatar a fala. Por isso que a gente fez esse acampamento aqui, unir o povo, porque uma das prioridades é essa, resgatar realmente a cultura porque está acabando. Hoje todo mundo não quer saber mais da cultura e o cacique está tentando resgatar. É uma das prioridades mais importantes, resgatar a fala. A gente estava tendo aula. E a gente está também tentando montar uma cartilha em parceria com a UFPA. Parou depois que meu pai faleceu, mas a gente vai voltar de novo”. CLEIDIVALDO DA COSTA VALDENILSON, JULHO DE 2014



Sítio e a antiga “Praia dos Índios” Akrâtikatêjê em Tucuruí. Junho de 2013

“Já se preocupa mais com a parte financeira, da questão do que a gente vai perder, com as perdas, o que vai passar aqui que vai impactar a gente. A preocupação mais é com isso hoje em dia, e com a própria cultura. E aí a gente vai deixando de lado pra fazer algo, pra fazer ações, que as comunidades nunca pensam também no hoje, no amanhã, daqui 30 a 50 anos. A gente pensa só de 100 anos pra frente. O meu avô deixou esse legado, de 100 anos pra frente, como é que vai ficar o povo, a geração, os netos de vocês. A gente tem que pensar assim. Não tem que pensar só em mim, ‘hoje eu vou andar bonito, vestido’, tem que pensar lá na frente”. PENPKOTI HOMPRYTI VALDENILSON, JUNHO DE 2013

“a comunidade junto decide”

“O nosso objetivo daqui pra frente é, como eu disse, digamos que a gente aprendeu muito já com o que nós vivemos. A gente já sofreu porque viveu numa aldeia em que a gente não tinha autoridade de decisões, a gente via, mas não tinha decisões. Hoje não, hoje a gente já tem o direito de consertar o que os outros erraram, praticamente. Porque a gente não pode pecar duas vezes o mesmo erro, então a gente conversa muito aqui. Às vezes a gente reúne de noite, às vezes de dia, conversa assim que a gente quer ser um povo diferenciado, mostrar para os outros que criticam a gente, ‘ah, eles só pensam em dinheiro!’ Não, a gente quer uma vida assim igualitária. O que um tem, o outro vai ter. Por exemplo, a gente tem outro projeto nosso do açajal: tudo é voltado pra associação, o que a associação decide, não só uma pessoa decide, a comunidade junto decide”. CLEIDIVALDO DA COSTA VALDENILSON, JULHO DE 2014

Mapeamento social

“Eu entendo assim que quando fala do mapeamento, é sobre o estudo da nossa região, dos impactos que acontece. Aí vem muito na minha lembrança assim, quando vejo o mensageiro que vem pra indígena que a gente pega no CIMI. Nesse mensageiro tu tens notícia dos outros povos também. Tu não tem o contato de perto, mas tu tem a informação dele através da revista Mesangeiro. Então, isso me lembra muito assim. É tipo assim, uma revista de contato pra indígena de todo sudeste e norte do Pará. Esse Mensageiro, nós pega no CIMI. Aí vem informação que aconteceu com outros parentes nossos. Então é mais ou menos isso: a gente tem o contato, a gente sabe o que tá contecendo com o povo, tu não está lá, mas tu sabe. Na casa do meu pai todo mês nós pegava a revista. Lá tem o que está acontecendo, a cultura que está ameaçada, então é muito bom”. KÁTIA SILENE DA COSTA VALDENILSON, TÔNKYRE AKRĀTIKATÊJÊ, JULHO DE 2014



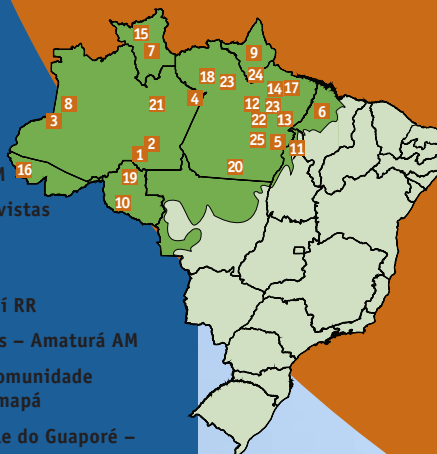
Kátia Silene da Costa Valdenilson (Tônkyre Akràtikatêjê, Cacique do povo Akràtikatêjê); Rotokwyi Aiomkenti Valdenilson e Raimundo Edinaldo de Jesus, quilombola de São José da Povoação, rio Mutuacá em Curralinho, PA, participam do Seminário Regional do Projeto Mapeamento, Belém, NAEA-UFPA, 29 e 30 abril de 2014



PROJETO
**Mapeamento
Social**

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA
TEMENAPYTARKATÊ AKRĀTIKATĒJĒ
DA MONTANHA

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracará RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO
- 20 Identidade e território Pastana Yudja Juruna – São Félix do Xingu PA e Santa Cruz do Xingu MT
- 21 Indígenas na luta contra a devastação em seus territórios – Rio Cuieiras, Manaus AM
- 22 Quilombolas do rio Pacajá – Portel PA
- 23 Comunidades Quilombolas de Passagem e Peafú – Santarém e Monte Alegre PA
- 24 Extrativistas da RESEX rio Cajari em ação – Amapá
- 25 Aldeia indígena Akrātikatējê – Pará



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA
TEMENAPYTARKATÊ
AKRĀTIKATĒJĒ
DA MONTANHA

APOIO



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7863-311-4



9 788578 833114